

O ENCONTRO DAS LÍNGUAS: *LALANGUE* E *LA LANGUE* NA LEITURA DO LITERÁRIO

Cezar Tridapalli

Resumo

O presente artigo estabelece pontos de encontro entre perspectivas da psicanálise teórica e algumas formas de produção e recepção do texto literário. Psicanálise e literatura permitem aproximações entre si por meio, por exemplo, de aspectos da linguagem e de processos de subjetivação, temas ligados a ambos os campos do saber. Conceitos como *lalangue*, experiência, cadeia significante se fazem presentes a fim de descortinar como a trama do discurso literário é capaz de provocar desconcertos e reordenações no real do corpo e no tecido discursivo do simbólico, proporcionando abertura de sentidos para um sujeito preso a significantes convencionados ou alienados à linguagem do Outro.

Palavras-chave: Psicanálise, Literatura, Leitura

Abstract

This article establishes meeting points between theoretical psychoanalysis perspectives and some forms of production and reception of the literary text. Psychoanalysis and literature can be linked to each other through, for example, aspects of language and processes of subjectification, themes which are present in both fields of knowledge. Concepts such as *lalangue*, experience, and the signifying chain are presented in order to reveal how the plot of the literary discourse is capable of causing confusion and reordering in the real of the body and in the discursive fabric of the symbolic, providing an opening of meanings for a subject bound to conventional signifiers or alienated from the language of the Other.

Keywords: Psychoanalysis, Literature, Reading

1 INTRODUÇÃO

Posso dizer sem exagero, sem fazer fita, que não sou propriamente um escritor. Sou uma pessoa que gosta de escrever, que conseguiu talvez exprimir algumas de suas inquietações, seus problemas íntimos, que os projetou no papel, fazendo uma espécie de psicanálise dos pobres, sem divã, sem nada. Mesmo porque não havia analista no meu tempo, em Minas. (Carlos Drummond de Andrade, Folha de São Paulo, 3/6/1984)

Apesar de inumeráveis artigos que colocam em diálogo psicanálise e literatura, relacionar estes dois campos do saber humano não é tão fácil quanto pode parecer. As interseções não são autoevidentes e ainda guardam o risco dos riscos: usar a psicanálise para especular sobre a estrutura psíquica de autores ou personagens, em uma espécie de ato analítico público, como se autor ou personagens fossem analisáveis a partir dos elementos textuais que se imprimem na folha de papel e como se diagnósticos perspicazes pudessem ser espalhados a fim de se comprovarem teses, hipóteses.

No entanto, longe do *setting* analítico, longe da brincadeira de analisar personagens ou mesmo o autor, acreditamos ser possível costurar aproximações conceituais que ajudam tanto a psicanálise quanto a literatura a se perceberem melhor, como se uma jogasse luz à outra, mesmo que ambas se deparem com obscuridades “inilumináveis”, como sói acontecer a esses dois campos da experiência humana, que lidam com sujeitos e suas inexoráveis escuridões.

Buscamos nas páginas que seguem conceituar leitura utilizando boa parte do vasto e todo próprio vocabulário psicanalítico, e com isso acreditamos entender como o processo suplementar que ocorre entre escritura e leitura pode ser *subversivo*, no sentido de trazer à tona versões escondidas de cadeias significantes encobertas por discursos hegemônicos, advindos muitas vezes de um Outro violento que impõe a linguagem da convenção repetindo bordões identificatórios e reprimindo o gozo de *lalangue*, esse neologismo – como tantos outros – que Lacan enuncia para se referir a uma linguagem pré-simbólica, assimbólica, que entalha no real do corpo seus altos e baixos relevos de linguagem desde quando esse corpo é ainda vida nua, e que só aos poucos vai se subjetivando ao ser paradoxalmente subjetivado pelo Outro primordial – notadamente a figura materna. A leitura do literário, acreditamos, pode tocar essa *lalangue* que forma o inconsciente, pode tocar aspectos desse

reservatório do passado que (...) é desconhecido, uma cena que escapa da consciência. [Que é] como as ruínas de Pompeia: uma cidade soterrada cujos

vestígios procuramos sem conseguir determiná-los (...), é a infância gravada na memória, é um romance onde se cruzam heróis de todas as épocas e países (ROUDINESCO, 2019, p. 77).

Lalangue constitui também uma experiência primordial, a partir do conceito de experiência com que trabalharemos. É essa *lalangue*, é essa experiência que será tocada mais tarde pela linguagem estruturada do mundo, pela língua das convenções e suas gramáticas coletivas. Do encontro desses contrários – de *lalangue* singular e desprovida de encadeamento discursivo, que “serve para coisas inteiramente diferentes da comunicação” (LACAN, 1972-1973, p. 188), com a língua social, que simboliza o mundo, que cria alguma (frágil) condição comunicativa –, pode nascer uma experiência de leitura. É esta experiência, capaz de revisitar e de abrir cadeias significantes, que buscaremos mostrar aqui.

2 A PRESENÇA DE UMA AUSÊNCIA

Tenho a impressão de que escrever é quase um presente que nos deu algo que não sabemos o que é. Não depende da nossa consciência, mas de algo inconsciente como os sonhos. Mais tarde, a armação do texto, sim, é trabalho da consciência e da inteligência. Eu senti fascinação pela literatura. Gosto de escrever, me divirto escrevendo, é uma segunda natureza em mim. Escrevo até mesmo uma frase engraçada que ouço um garçom dizer num restaurante. Mas a minha verdadeira excitação pela literatura me chega através do que leio. (Adolfo Bioy Casares, *O Globo*, 25/10/1991)

O escritor argentino parece conseguir condensar boa parte do que se pretende desenvolver neste artigo, a saber, as zonas de contato e, mais que de contato, de interseção entre os campos distintos e bord(e)ados – não obstante porosos – da psicanálise e da literatura. O texto literário aqui considerado é ponto para onde convergem séries de subjetividades, desde o sujeito-autor em conversa com o eu-autor (esse eu “da consciência e da inteligência”, como afirma Casares, mas que não será objeto desta investigação), até encontrar do outro lado – se não da mesma moeda, da mesma fita moebiana – o sujeito-leitor e o eu-leitor (o eu que analisa logicamente o que lê, mas que, igualmente, estará fora deste estudo).

Escrever como um presente vindo de “algo que não sabemos o que é”, de um estranho que mora dentro, sujeito do inconsciente que irrompe abrindo frestas, réstias, poros, fazendo medrar conteúdos, formas, sons e sonhos, não como mar aberto nem como rio caudaloso (o inconsciente é tímido, não se dá, não se mostra à larga), mas como vereda recolhida, córrego secundário e tantas vezes despercebido, assim como os sonhos que nos mandamos todas as noites, essas cartas que muitas vezes sequer abrimos. Estamos no território do inconsciente, “aquela parte da consciência humana que (...) não está disposta a se expor ao reconhecimento pleno, assim, se retrai para as regiões afetivas e ali atua como um agente secreto, inconfesso, inadmitido, potente (...).” (LAWRENCE, 2020, p. 15).

Na escritura, um sujeito fala. Não o sujeito romântico, tomado por uma *inspiração exterior*, mas sim aquele que tem inscritas em si diversas ausências.

Como explicar a presença de uma ausência? Exemplo dos mais clássicos é a raposa de *O pequeno príncipe*: ao olhar os campos de trigo, lembra-se do menino, cujos cabelos se assemelham ao trigal. É a metáfora como exercício da presença de uma ausência. O artista visual italiano Claudio Parmiggiani conta ter criado uma série de trabalhos artísticos depois de ter percebido que – ao desmontar uma exposição – as obras saíam das paredes, mas deixavam marcas, restos, resquícios de sua presença impressos na superfície em forma de poeira incrustada.



Claudio Parmiggiani, *Sem título*, 1970, fumaça e fuligem sobre mesa, 50 x 70 cm.

A ausência existe, e insiste.

O paradoxo é apenas aparente: a ausência está presente. O presente, com toda a força de sua ambiguidade – como o instante do tempo-agora e como recebimento de uma herança – é foz onde desembocam as vozes que subjetivam o sujeito. E pode ganhar alguma materialidade na cadeia significante de um texto literário, esse *escritasser* aparentado ao *falasser* lacaniano, atualizado no papel quando um sujeito-leitor aparece para conferir-lhe sentidos.

Sabe-se bem, a vida nua do *infans* começa seu processo de subjetivação, sua humanização, a partir do Outro. Esse Outro, notadamente a figura a exercer função materna, banha de uma língua própria o sujeito nascente. Língua feita de musicalidade, de trejeitos e entonações, de lalações, de gozo. De sonoridades ainda despegadas da convenção condutora de sentidos, do léxico dicionarizado, da estrutura universal da linguagem. Uma língua carregada de afeto mais que de gramática coletiva. Essa linguagem escrita pelo Outro no corpo do sujeito que nasce vai sendo inscrita nele. Prefixos poderosos tomam corpo aqui, do *es/ex* escrito e externo – e estranho, extraordinário, extravagante, estrangeiro – até a migração para o *ins/in* do inscrever, do interno, do íntimo. Tal migração, no entanto, não é unilateral, o sujeito não deixa de receber o Outro nem de enviar ao campo do Outro sinais da própria subjetividade, feita concomitantemente de interiorizações e de exteriorizações suplementares, que tecem relações intersubjetivas ou entre sujeitos e objetos por meio de trajetos de tensão e imbricação constantes. Entramos no território da extimidade, portanto, não como polo outro da intimidade, mas como sua expressão máxima, constituinte:

A minha intimidade não é ‘eu mesmo’. Penso em um verso de Rimbaud que diz: ‘eu é um outro’. Quanto mais você se aproxima de ‘si mesmo’, buscando a verdade da sua conduta, mais se depara com o fato de que ‘si mesmo’ é um outro. Para um psicanalista, é fácil notar no cotidiano. O máximo da intimidade é, como disse Lacan, a extimidade (FORBES, 2005, pp. 33-34).

Trata-se de uma “exterioridade íntima”, numa rara síntese feita por Lacan (1959-1960, p. 173), constituída pelo “que nos é mais próximo, embora nos seja externo” (LACAN, 1968-1969, pp. 218-29).

Se falamos em escritura e inscrição como termos necessários um ao outro para o processo de subjetivação, não parece disparatado pensarmos na linguagem do Outro esculpindo subjetividades na vida nua que nasce, moldando vazios, limando fendas,

modelando bordas, provocando cisões – e incisões – de modo a *insculpir*, a criar no real do corpo do sujeito a marca indelével de uma língua que se apresenta (mostra-se presente, portanto), mas que será irrecuperável discursivamente. Uma língua que lambe o corpo mais do que articula palavras, que pode retornar, mas não simbolizada, apenas aos saltos, nos sonhos e atos-falhos, nas livre-associações e nos chistes. Estamos no território presente/ausente de *lalangue* lacaniana, essa memória singularíssima que se insculpiu no inconsciente do sujeito, formando o sujeito do inconsciente. “Presente” porque deixa traços, restos, indícios que, como afeto, afetam o corpo em seu real – “efeitos que são afetos” (LACAN, 1972-1973, p. 190) –, não em sua significação simbólica. “Ausente” porque a Coisa (*das Ding*) não está mais lá, tampouco o objeto *a*, que não se mostra, é escapadiço, mas coloca o sujeito em marcha, em movimento de busca a partir do desejo, desse “*desiderare (de-sidus-eris)*, [que] significa etimologicamente contemplar o ‘astro’, ser ‘siderado’ por ele sem jamais poder possuí-lo... Assim caminha a vida, voltada para o que não temos, animada pelo que falta” (ANDRÉ, 2015, p. 49). Ou:

Se as coisas são inatingíveis... ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos, se não fora
A mágica presença das estrelas.
(QUINTANA, 1995, p. 76)

3 EXPERIÊNCIA: O SUJEITO ATRAVESSADO FAZ SUA TRAVESSIA

Portanto, estamos diante do que constitui experiência no sujeito e que o subjetiva, produz efeitos, e “ces effets sont des affects au sens où c’est lalangue qui affecte primairement la jouissance” (SOLER, 2016, p. 18), ou seja, efeitos que são afetos no sentido de que é *lalangue* que toca primariamente o gozo: o fluxo de escrituras e inscrituras, de esculturas e insculturas no corpo. O próprio termo *experiência* evoca o movimento do fora/dentro característico do que estamos falando até aqui. Para além da vivência (*Erlebnis*), a experiência (*Erfahrung*) habita o campo dos afetos e é capaz de moldar e mudar o sujeito. A experiência é o contato com a estranheza do Outro, com a

estrangeiridade, com o extraordinário capaz de fazer casa no sujeito e provocar questão, movimento, perturbação, inquietude. Esse estranho é sempre o Outro, que vem de fora, mas passa a habitar (criar hábito) no sujeito. Não à toa, Forbes lembra de Rimbaud (“eu é um outro”) e nós podemos lembrar de um esperançoso Mário de Andrade:

Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cinquenta,
Mas um dia afinal eu toparei comigo...
(ANDRADE, 1955, p. 221)

Walter Benjamin fala de uma experiência “que não conta apenas com a experiência própria, mas lhe acrescenta muito da alheia. (...) Assimila ao seu próprio saber também aquilo que aprendeu com o que ouviu de outros (...)” (BENJAMIN, 2013, p. 177-178). Embora tal passagem recenda a um certo dualismo – como se o “próprio” e o “alheio” fossem instâncias claramente demarcadas – e “assimilar” seja palavra perigosa – uma vez que podemos entendê-la como um saber pela mera repetição, reproduzido sem interferência subjetiva –, podemos aproveitar o raciocínio para pensarmos também aqui a experiência como o que toca o sujeito no real do corpo, antes ainda de tocá-lo pelo viés simbólico de palavras que, se não afetarem, se não atingirem o sujeito no campo de seus afetos, serão apenas flechas frágeis em muro duro. “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (BONDÍA, 2002, p. 21). A sutileza pronominal aqui faz toda a diferença. Muita coisa se passa no mundo, mas experiência é o que atravessa o sujeito e o modifica. Atravessa e, a um só tempo, provoca nele uma travessia, movimento, mudança de estado. Bons dicionários etimológicos trarão, no verbete “experiência”, a relação com travessia, com estranho e estrangeiro. E, inclusive, com *perigo*. “Quanto mais uma pessoa se orienta por aquilo que se encontra a sua volta, menos é atingida pela impressão de *infamiliaridade* quanto às coisas ou aos acontecimentos” (FREUD, 2019, p. 33). Se fizermos o raciocínio inverso, talvez fique fácil perceber por que a experiência pode ser uma travessia perigosa, uma vez que significa ser tocado e afetado pelo estranho.

Benjamin volta para desfazer eventuais dualismos e nos ajudar a pensar o quanto a experiência – aqui, no caso, da arte de narrar – é um apropriar-se do discurso alheio: “o importante para ela [a arte de narrar] não é transmitir o puro ‘em si’ da matéria, como se

se tratasse de uma informação ou de um relatório. Faz descer à matéria a vida de quem conta, para a fazer emergir de novo a partir dele” (2013, p. 157-158).

Se, por um lado, nada é novo, já que o sujeito nasce herdeiro, assujeitado e alienado a um débito simbólico *escrito* e depois *inscrito* nele, ele pode, a partir da apropriação – que em todos os aspectos é diferente da repetição ou de seu antípoda, a negação – tornar a herança *sua*. Se nada é novo, o sujeito pode ao menos renovar o já-feito, o já-visto, o já-falado.

E a literatura parece ter papel importante nessa renovação.

4 O LITERÁRIO: ENCONTRO DE *LALANGUE* COM *LA LANGUE*

O que torna ainda mais rica a abordagem de Adolfo Bioy Casares acerca de seus processos de escritura é o quanto ele deixa clara a fusão suplementar entre o sujeito-autor e o sujeito-leitor. “Escrevo até mesmo uma frase engraçada que ouço um garçom dizer num restaurante” refere-se, ao mesmo tempo, a um lugar de fala e a um lugar de escuta, a algo da exterioridade material do mundo (a frase engraçada ouvida do garçom) que entra no sujeito e o toca, que entra e afeta, que entra e faz sibilar uma nota inesperada que já está lá, dentro.

Não parece absurda a inferência segundo a qual a leitura e a escritura literárias sejam um encontro das línguas e das águas, do córrego da memória singularíssima inculpida no corpo por *lalangue* e do mar da linguagem corrente, estruturada, de uso universal, representada aqui pelo texto literário.

Alfabetizar-se – conhecer grafismos arbitrários e extrair deles fonemas que formam um léxico, uma sintaxe, uma semântica – é alcançar uma camada importante da leitura. Mas outras estarão à disposição do sujeito e elas também nos interessam sobremaneira aqui.

Se dissemos que *lalangue* afeta o real do corpo no processo de subjetivação primária – é feita de fragmentos inacessíveis ao discurso lógico, e é por isso “ausente” – e deixa marcas no sujeito – sobrevive como indício, e é por isso “presente” –, podemos também dizer que ela se constitui como uma experiência primordial. Outras experiências

se seguirão ao processo de subjetivação, mas é *lalangue* a experiência primeira, fundadora, que vai interagir com todas as demais experiências reais, simbólicas e imaginárias com as quais o sujeito se deparar.

Não é preciso dizer que esses resíduos todos da antiga Roma se acham dispersos no emaranhado de uma metrópole surgida nos últimos séculos, a partir da renascença. Seguramente, ainda muita coisa antiga se acha enterrada no solo da cidade ou sob as construções modernas. É assim que para nós se preserva o passado, em sítios históricos como Roma. Façamos agora a fantástica suposição de que Roma não seja uma morada humana, mas uma entidade psíquica com um passado igualmente longo e rico, na qual nada que veio a existir chegou a perecer, na qual, juntamente com a última fase de desenvolvimento, todas as anteriores continuam a viver (FREUD, 2011, posição 107 – edição Kindle).

Acima, Freud se refere ao inconsciente. O termo *lalangue* veio depois, com Lacan, afirmando que o inconsciente é feito de *lalangue*, “é um saber, um saber-fazer com alíngua. E o que se sabe fazer com alíngua ultrapassa de muito o de que podemos dar conta a título de linguagem” (1972-1973, p. 190).

É esse o raciocínio que nos leva a afirmar que a leitura – especialmente do literário, explicaremos em seguida alguns porquês – é, de tal ponto de vista, encontro de *lalangue* entalhada no corpo do sujeito com o modo como ela reverbera ao entrar em contato com a língua *do mundo*. Do encontro podem nascer atritos violentos – experiências que encolhem o mundo do sujeito – ou conversas profícuas – experiências que expandem o seu mundo.

Resumindo, entenderemos aqui a leitura do literário como a trama tecida por duas gramáticas, a exclusiva do sujeito – sua *lalangue* – e a inclusiva – a dos códigos coletivos, responsável por fazer com que as pessoas tenham ao menos a ilusão de que se entendem:



Arquivo pessoal, tira não publicada.

5 VIOLÊNCIA DISCURSIVA DO GRANDE OUTRO

Em Sainte-Anne, um doente gritava de seu leito: “eu sou príncipe! Prendam o grão-duque”. Então chegavam perto dele e diziam-lhe ao ouvido: “assoate!” E ele se assoava; perguntavam-lhe: “qual é teu ofício?” Ele respondia docemente: “sapateiro” e recomeçava a berrar. Nós nos assemelhamos todos a este homem, suponho; em todo caso, quanto a mim, no início de meu nono ano, eu me assemelhava a ele: era príncipe e sapateiro. Dois anos mais tarde, ter-me-iam dado por curado: o príncipe desaparecera, o sapateiro não acreditava em nada, e eu até não escrevia mais; jogados à lata de lixo, perdidos ou queimados, os cadernos de romance cederam lugar aos de análise lógica, ditado e cálculo. Se alguém se introduzisse em minha cabeça aberta a todos os ventos, encontraria alguns bustos, uma tábua de multiplicação aberrante e a regra de três, trinta e dois departamentos com capitais, mas sem subprefeituras, uma rosa denominada rosarosarosamrosaerosaerosa, monumentos históricos e literários, algumas máximas de civilidade gravadas em esteias e às vezes écharpe de bruma arrastando-se sobre esse triste jardim, um devaneio sádico. Da órfã, nada. Do bravo, nem sinal. As palavras herói, mártir e santo não estavam inscritas em parte alguma, nenhuma voz as repetia. O ex-Pardaillan recebia a cada trimestre boletins de sanidade satisfatórios: criança de inteligência média e de grande moralidade, pouco dotada para as ciências exatas, imaginativa sem excesso, sensível; normalidade perfeita, apesar de certo maneirismo, aliás em regressão. Ora, eu perdera completamente o juízo (SARTRE, 1967, pp. 132-133).

Sartre, em sua autobiografia, confessa suas fantasias de criança de nove anos, tomada de sonhos-devaneios em que se permitia não se ocupar de causalidades sociais nem espaço-temporais e ser a um só tempo sapateiro e príncipe, plebeu e nobre (um Pardaillan). O pequeno Jean-Paul era invadido por fantasias que brotavam como “um presente que nos deu algo que não sabemos o que é” (lembre-mos de Casares).

Bastaram dois anos para que o encontro com a *linguagem do mundo*, representada pelo Outro das instituições, não se manifestasse em riqueza, em suplementação, mas em supressão da fantasia ou, pelo menos, em sua repressão. Aos onze anos, Sartre estava – repetindo a ironia de suas palavras – “curado”. Em vez de cultivar a linguagem do sonho, dos fragmentos singulares insculpidos no corpo e puerilmente simbolizados, Sartre se vê enciclopédico, capaz de guardar informações históricas, matemáticas, geográficas, até literárias – nada mais que um verniz (i)lustrado. O sapateiro, o príncipe, a órfã, o bravo, todos seus personagens fantasiados, os cadernos de romances, nada sobrevivera daquilo que a subjetividade outrora produzia. Em troca, passou a ser, na avaliação do Outro, um rapazinho dentro das normas (“normalidade perfeita”), das convenções. Dentro das expectativas civilizacionais. Sartre termina o excerto com outra ironia ao afirmar que, ao deixar de fermentar em si a fantasia, ao deixar morrer o que reverberava no corpo, acabou perdendo “completamente o juízo”.

A criança está sempre brincando ‘de adulto’, imitando em seus jogos aquilo que conhece da vida dos mais velhos. Ela não tem motivos para ocultar esse desejo. Já com o adulto o caso é diferente. Por um lado, sabe que dele se espera que não continue a brincar ou a fantasiar, mas que atue no mundo real; por outro lado, alguns dos desejos que provocaram suas fantasias são de tal gênero que é essencial ocultá-las (FREUD, 1996, p. 78).

Não nos surpreende o fato de existirem, historicamente, famílias e sociedades conservadoras e tirânicas, que projetam no sujeito e esperam dele a reprodução imutável dos valores recebidos, além de primarem pela manutenção de uma ordem imposta por um líder, igualmente imutável, que impede e reprime a livre circulação das subjetividades, expressas, entre outras formas, nos livros, nos gêneros, nas ideologias políticas, nas artes. O relato de Sartre e a reflexão de Freud ilustram o quanto pode ser absoluta e absolutista a voz do Outro, que incide no sujeito de modo tão acachapante a ponto de tolher ou recolher toda a possibilidade de encontro fecundo entre a língua de *lalangue* e a língua do mundo. Um Drummond paradoxalmente tomado por um alento desanimado, avisa-nos em seu “A flor e a náusea” que, em meio a um tempo que “é ainda de fezes, maus poemas, alucinações e espera (...), uma flor nasceu na rua (...). É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio” (DRUMMOND, 1996, pp. 24-26). A língua do mundo tirânico impõe-se como código de conduta, como lógica exata, feita de correspondências unívocas entre significante e significado.

“Não é fácil compreender como se torna possível privar um instinto de satisfação. É algo que tem seus perigos; se não for compensado economicamente, podem-se esperar graves distúrbios.” (FREUD, 2011, posição 534 – edição Kindle). Para a sorte de Sartre e nossa, ele parece ter se saído bem, mesmo que pagando algum preço.

Regimes autoritários ostensivamente repressores funcionam aqui apenas como exemplo. Famílias e sociedade liberais também aliciam o sujeito, também podem marcar com força e violência unilateral ideais de eu, de comportamento, colar rótulos de cuja identificação é difícil separar-se.

6 O LITERÁRIO: PALAVRA QUE GOZA

Nesse feixe convergente de discursos uniformes, rio caudaloso cuja corrente arrasta singularidades e as afoga, de que modo a literatura é capaz de ser flor, de que modo pode furar asfaltos, tédios, nojos, ódios? O literário, sendo contramão dissonante, desafia o peso da linguagem pavimentada e sólida, descola o significante de sentidos arbitrários e homogêneos, convida a deslizar por eles, por seus elos metonímicos, horizontais, e por seu próprio eixo metafórico, vertical. O literário desconcerta a voz única, abre-se para a polifonia e para a polissemia do significante, convida para a saída do circuito “dicionário” (que ganha, aqui, valor adjetivo):

RIOS SEM DISCURSO
A Gabino Alejandro Carriedo

Quando um rio corta, corta-se de vez
o discurso-rio de água que ele fazia;
cortado, a água se quebra em pedaços,
em poços de água, em água paralítica.
Em situação de poço, a água equivale
a uma palavra em situação dicionária:
isolada, estanque no poço dela mesma,
e porque assim estanque, estancada;
e mais: porque assim estancada, muda,
e muda porque com nenhuma comunica,
porque cortou-se a sintaxe desse rio,
o fio de água por que ele discorria.

O curso de um rio, seu discurso-rio,
chega raramente a se reatar de vez;

um rio precisa de muito fio de água
para refazer o fio antigo que o fez.
Salvo a grandiloquência de uma cheia
lhe impondo interina outra linguagem,
um rio precisa de muita água em fios
para que todos os poços se enfrasem:
se reatando, de um para outro poço,
em frases curtas, então frase e frase,
até a sentença-rio do discurso único
em que se tem voz a seca ele combate.

(MELO NETO, 2008, p. 229)

O sujeito preso na palavra-poço, rasa, e que não dis/corre pelo curso do discurso fica colado ao significante que lhe foi atribuído.

Embora com formas e métodos muito distintos, tanto psicanálise quanto literatura trabalham com a ideia de provocar torções no modo de ouvir, de ver, de falar, descolando o sujeito, seja ele analisante ou leitor, da prisão do significante, que passa a girar e a mostrar sentidos outros, a encadear-se não mais aos mesmos outros significantes, não mais aos mesmos predicados que constituem o mito individual do neurótico, mas a elos novos.

Esse giro do significante só se dá porque o sujeito também gira, porque há um impulso para a comoção (*co*-moção, um movimento que se dá *com*, em conjunto com a palavra), para o deslocamento que permite enxergar o objeto de novo ângulo, inusitado. Se o discurso da univocidade propõe um olhar cimentado e “cêntrico”, podemos afirmar que tanto psicanálise quanto literatura buscam o “excêntrico”, buscam ser a rachadura que abre o discurso e *subverte-o*, trazendo para cima o que estava *sub*. A subversão traz à tona uma versão nova, que estava sob a linguagem enrijecida, consolidada. Novamente Drummond:

Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível que lhe deres:
Trouxeste a chave?
(DRUMMOND, 1996, p. 187)

As chaves, sim, podem estar em *lalangue*.

Sobre o olhar excêntrico, o *Colonnato* de Bernini, que circunda com dois enormes semicírculos a praça São Pedro, em Roma, ajuda-nos a visualizar o que pretendemos mostrar aqui:



Do centro do semicírculo, só as primeiras colunas aparecem.



Na busca pelo excêntrico, colunas antes invisíveis se revelam.

Temos, nas imagens acima, uma demonstração visual da *comoção* – movendo-se o sujeito, o objeto se transforma. Deslocar (mudar o *lócus*), fazer caminhar, desprender-se das verdades do Outro para enlaçar significantes renovados.

Um romance ou um poema não é a defesa de uma tese, não é afirmação de um ponto de vista. A isso podemos chamar de ensaio, sermão, artigo científico, cuja tentativa, ainda que ilusória, é a de conduzir o leitor por um caminho assertivo, leva-lo pela mão a um destino comum, a uma conclusão única. A escuta, psicanalítica ou literária, implica abrir significantes para que eles reverberem no sujeito e tenham como efeito contornar o real com o simbólico, ou mesmo ressimbolizar o simbólico. Implica, enfim, tocar *lalangue* e fazer com que ela e a língua do mundo – a linguagem – se enredem, relacionem-se eroticamente, gozem com a palavra e com o entrelaçamento das línguas, gozem com a equivocidade chistosa dessas línguas. É na poesia que esse gozo encontra lugar privilegiado na experiência das palavras, que vai além do sentido “dicionário” referido por João Cabral. Ou corre-se o risco de colar um sentido ao significante que será difícil descolar:

A cena se passa num bufê infantil. Uma das animadoras da festa chama as crianças para fazer um círculo.

– Vamos fazer uma brincadeira! – diz ela, sentando-se no chão.

Um garotinho, de cerca de seis anos, levanta a mão, muito sério, e pergunta:

– É atividade?

– Atividade?

– Porque se for atividade, eu não gosto – responde o menino, categórico.

O Outro da instituição escolar encarregou-se de revestir o significante “atividade” de um sentido capaz de criar repulsa no menino (e é pena não podermos utilizar *emojis* com choros e risos em artigo acadêmico).

Se a identificação é um processo importante quando uma vida nua vem ao mundo – já que é seu vínculo, seu laço com o Outro e os outros –, com o passar tempo, no entanto, a identificação enrijecida pode ser causa de sofrimento e levar o sujeito para longe do seu desejo. Quanto mais identificado, mais automático é seu olhar para as coisas? No caso do pequeno Sartre, podemos dizer que houve uma tentativa de imposição de um ideal em detrimento dos elos subjetivos que ele mantinha entre sua *lalangue* e o mundo material e discursivo circundante.

Não é nova a associação já muitas vezes feita entre a poesia e as propriedades perceptivas da criança, ainda desprovida de automatismos, ainda com um olhar inaugural para as coisas do mundo, ainda não formatada por convenções. E a literatura é uma tentativa de revestir de vivacidade as palavras e o olhar, um modo potente de fazer ver diferente o tantas vezes visto. Quem aceita o jogo, pode co-mover-se, gozar da palavra, deixar-se tocar pelo encontro do poema com *lalangue*. Quem não aceita o jogo, fecha o livro e se fecha.

Arnaldo Antunes:

O escuro é a metade da zebra

Guimarães Rosa:

O nada é uma faca sem cabo da qual se tirou a lâmina

José Paulo Paes:

Berro: o som produzido pelo martelo quando bate no dedo da gente

Caveira: a cara da gente quando a gente não for mais gente

Excelente: lente muito boa

Forro: o lado de fora do lado de dentro

Girafa: bicho que, quando tem dor de garganta, é um deus-nos-acuda

Isca: Cavalo de Troia para peixe

Minhoca: cobra no jardim de infância

Nuvem: algodão que chove

Pulo: esporte inventado pelos buracos

Rei: cara que ganhou coroa

Sopapo: o que acontece quando só papo não adianta

Tombo: o que acontece entre o escorregão e o palavrão

Urgente: gente com pressa

Não serão poucos os rabugentos que acharão tudo isso uma grande bobagem.

O que fazem os poetas, em sua tentativa de resgatar ingenuidades? Arrancam o significante do terreno infértil da convenção e lhe propõem asas. O escuro deixa de ser mera ausência de luz para ser a metade da zebra. Zebra deixa de ser o mamífero quadrúpede dos manuais e passa a ser um bicho que tomou sol atrás das grades. Da obviedade de avizinharmos “escuro”, “ausência”, “luz”, saltamos para o insólito grupo “escuro”, “metade”, “zebra”. Da evidente e clichê ligação entre “zebra”, “mamífero”, “quadrúpede”, vamos para a graça de trazermos para o campo semântico da “zebra” o “sol” e as “grades”. Propõe-se nova esteira de significantes que chamam outros significantes, dessa vez inusuais, imprevistos, que convidam o leitor para uma dança subjetiva muito mais do que o recrutam para ser depositário da transmissão de um conteúdo protocolar e informativo.

(Isso dá muito o que pensar sobre o Outro que é a instituição escolar).

Se Freud fala sobre o estranho familiar, mais recentemente retraduzido como infamiliar (*umheimlich*), o formalista russo Viktor Chklovsky (1893-1984) trouxe para a literatura o conceito de *desfamiliarização*. O humano, segundo ele, não é capaz de manter uma visão “fresca” de sua percepção dos objetos: o hábito (em oposição suplementar ao estranho) leva-o a automatizar tudo o que se repete e se re(a)presenta frequentemente à consciência. Tal processo serve à sobrevivência, tem esta vantagem, mas é também o que faz perder a capacidade de *assombrar-se* e, portanto, de reinaugurar o mundo. A tarefa da arte, ainda segundo Chklovsky, é justamente “refrescar” a nossa visão das coisas, deslocar o nosso modo de percepção do automático e prático para o artístico. A “desfamiliarização” é o nome que indica esta característica distintiva da literatura.

Não seria também uma característica distintiva da psicanálise?

A propósito, o termo “estética” origina-se a partir da noção de despertar os sentidos (a estesia). É no real do corpo que a experiência estética se dá, ela toca o sujeito em seu campo de afetos antes de receber uma elaboração intelectualizada feita pelo eu. A

ausência de estesia, ou seja, o desmaio dos sentidos, vai resultar na anestesia. A arte, a literatura e, sim, a Psicanálise podem fazer o sujeito sair da anestesia.

Em literatura, como renovar modos de ver se o discurso for crivado de lugares-comuns, dos populares chavões, que alimentam mais a náusea do que a flor que fura o asfalto? Ou, ainda, na bela formulação de Jacques Rancière, como “modificar as balizas do que é visível e enunciável e fazer ver o que não era visto (...) com o objetivo de produzir rupturas no tecido sensível das percepções e na dinâmica dos afetos”? (2005).

Gozar da excentricidade do significante é perceber, a título de exemplo, a diferença entre dizer que uma personagem é “desinteressante” e dizer que “as conversas que ela começava pareciam madeira verde, soltavam fumaça mas não pegavam fogo” (CAPOTE, 2005, p. 44).

Ou a diferença entre a personagem dizer, de modo fleumático, “estou feliz” e dizer “eu, por mim, poderia partir deste mundo com o dia de hoje nos olhos” (CAPOTE, 2005, p. 144).

Não se trata, portanto, de renegar a realidade e buscar outra, mas de iluminar a realidade do sujeito com luzes novas, capazes de revolver os elos da cadeia simbólica e provocar comoções, torções, movimento na direção do *deslocamento* e do *descolamento* de um eventual discurso que escraviza mais do que liberta.

Com efeito, o leitor é desconcertado pela leitura, que o desarruma nos seus sistemas de referência (...). Algo da ordem da provocação aconteceu, pois o desejo do leitor é colocado em movimento mediante um fragmento do texto. Com isso, o leitor se descobre como um sujeito desejante pela experiência da leitura, de forma que essa possibilita ao leitor uma intuição e até mesmo um conhecimento de si mesmo que eram inexistentes antes da leitura (BIRMAN, 1996, p. 55).

Mais adiante, Birman também nos ajuda a resgatar e a costurar a discussão proposta ao longo desse trabalho ao afirmar que 1. “as incidências da leitura permitem delinear o cenário interno do leitor, que num movimento de pudor e de vergonha procura se ocultar de olhos estranhos. São os fantasmas do sujeito que são colocados em cena” (p. 55) e colocando 2. “o texto como sendo uma fonte de revelação para o sujeito pela atualização que promove de seus fantasmas” (p. 56).

Entre as vozes que buscam *conduzir* o leitor para um suposto sentido único e as vozes que buscam *seduzir* o leitor, convidando-o a desviar das vias pavimentadas da convenção, parece-nos clara a opção da literatura. O texto sedutor espera sempre pela intervenção do leitor, para que se desvie junto com ele, comovendo-se. O texto literário é a boa “máquina preguiçosa” (ECO, 1994, p. 9), que precisa do trabalho do leitor para funcionar, que não diz nada por si mesmo, que precisa de um sujeito-leitor a retirar e colocar sentidos, a fazer sentir os ecos de sua *lalangue* vibrando no encontro com a língua do literário, encontro este feito de múltiplas trocas subjetivas, de desconcertos e rearranjos.

Curioso o que dizem Marcel Proust sobre o leitor e, em seguida, Octavio Paz sobre o escritor. O primeiro: “Na realidade, todo leitor é, quando lê, o leitor de si mesmo. A obra não passa de uma espécie de instrumento óptico oferecido ao leitor a fim de lhe ser possível discernir o que, sem ela, não teria certamente visto em si mesmo (PROUST, 1995, p. 184)”. O segundo: “Os poetas dizem a verdade quando dizem que, ao começar a escrever um poema, não sabem o que vão dizer. Escrevemos para dizer o não dito, e para conhecê-lo”. (PAZ, *apud* Brito, 1999, p. 65).

Embora os manuais etimológicos não confirmem, é tentadora e gozosa a aproximação entre os verbos franceses *naître* e *connaître*, entre o nascer e o conhecer, ou *conascer*. Seja Proust falando do leitor ou Paz do escritor, estão os sujeitos do desejo ávidos por nascerem outros a partir daquilo que *conasce* com eles. Do afluxo das línguas, portanto, comoção e *conascimento*.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A leitura é o outro da escritura, condição de possibilidade de sua materialidade na ordem do sentido. A produção do sentido implica a apropriação do texto pelo leitor, que imprime a sua *singularidade* na experiência da leitura” (BIRMAN, 1996, p. 54). Essa condição da escritura e da leitura como duplos nos permitiu deixar de lado muitas distinções sistemáticas entre estas duas instâncias interdependentes da atividade literária. A rigor, poderíamos falar em três elementos fundantes: autor, texto, leitor, mas todos estão de tal maneira imbricados que destrinchá-los exigiria mais páginas. Importa aqui

salientar: todo escritor é antes de tudo leitor, escreve, ouve, lê, ocupa lugar de fala e de escuta, sente-se tocado por aquele presente ambivalente “que não sabemos o que é”, como dizia Bioy Casares no início deste trabalho.

Voltando a Birman, em outra passagem de seu *Por uma estilística da existência*, ele chama a atenção para algo que pode contribuir com nossas considerações finais: ao falar de práticas de leitura ao longo da história, relembra práticas em voz alta e outras em voz baixa, que podem se diferenciar muito entre si. Nas práticas de leitura em voz baixa, cita os exemplos dos monges em seus mosteiros e da experiência proustiana. No primeiro – aqui deixamos Birman em paz e conjecturamos nós –, há a busca pela confirmação de uma escolha, lê-se para buscar o convencimento de que o caminho escolhido foi o certo, e qualquer desvio, qualquer questionamento vira possessão de um diabo que, para a moral religiosa, está fora do sujeito e se apossa dele, sendo por vezes necessários castigos físicos para extirpá-lo. A experiência proustiana trabalha na perspectiva da ampliação e abertura da subjetividade, na contramão da moral, até por isso justificando leituras escondidas na calada da noite, portas trancadas, lanterna sob lençóis, no exercício do direito inviolável de se encontrar com outros Outros e trazê-los para si. Freud já sabia disso, em seu “Escritores criativos e devaneio”:

A verdadeira satisfação que usufruímos de uma obra literária procede de uma libertação de tensões em nossas mentes. Talvez até grande parte desse efeito seja devida à possibilidade que o escritor nos oferece de, dali em diante, nos deleitarmos com nossos próprios devaneios, sem autoacusações ou vergonha (1996, p. 82).

Os significantes que correm e escorrem pela página em branco também saltam dela e encontram a subjetividade do leitor, tocam seu mundo simbólico, real, imaginário. Nomeiam sentimentos difusos, ressignificam realidades já simbolizadas, reconfiguram o imaginário. Não à toa, Susan Sontag, em seus *Diários*, falava em “reciclar a própria vida com livros” (2016, p. 384).

Se Lacan nos deixou o exemplo clássico da *gestapo* transformada em *gest à peau*, aproveitando-se da homofonia, da mesmíssima materialidade sonora como demonstração de que a psicanálise busca imbuir de sentidos novos o significante, terminamos com um verso de José Paulo Paes feito em homenagem a Manuel Bandeira, o poeta tuberculoso

que colara em si o significante pejorativo de poeta menor: “Sou poeta menor, perdoai!” (2005, p. 80). José Paulo Paes então concordou com ele, repetindo diversas vezes o quanto Bandeira era de fato um “poeta menormenormenormenor / menormenormenormenor / enorme” (1986, p. 38).

Se Jacques Lacan foi da violência da polícia nazista ao toque afetuoso na pele, nosso Zé Paulo fez chiste e justiça, dando a Bandeira o lugar enorme que ele ocupa na poesia em língua portuguesa. É chiste, é gozo com a equívocidade da língua, é *lalangue* beijando *la langue*, é o inconsciente estruturado como linguagem flertando com a linguagem estruturada para o uso de todos.

8 REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*. 32ª. edição. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1955.
- ANDRÉ, Jacques. *Vocabulário básico da psicanálise*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015.
- ANTUNES, Arnaldo. *As coisas*. São Paulo: Iluminuras, 2000.
- BANDEIRA, Manuel. *Meus poemas preferidos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.
- BENJAMIN, W. *Linguagem, tradução, literatura: filosofia, teoria e crítica*. Ed. e Trad. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- BIRMAN, Joel. *Por uma estilística da existência*. São Paulo: Editora 34, 1996.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478. Acesso em 27/7/2020.
- BRITO, José Domingos de (org.). *Por que escrevo?* São Paulo: Escrituras editora, 1999.
- CAPOTE, Truman. *Bonequinha de luxo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- FORBES, Jorge. *A Invenção do Futuro: um debate sobre a pós-modernidade e a hipermodernidade*. Barueri, SP: Manole, 2005.

- FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização* (Grandes Ideias). São Paulo: Penguin-Companhia, 2011 [Edição Kindle].
- _____. “Escritores criativos e devaneio” (1907-1908). In: FREUD, S. *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Versão em pdf.
- _____. *O infamiliar* [Das Umheimlich]. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- KIRINUS, Gloria. *Synthomas de poesia na infância*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- LACAN, Jacques. *O seminário, livro 7: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- _____. *O seminário, livro 16: De um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- _____. *O seminário, livro 20: Mais, Ainda*. 2ª. edição, Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- LAWRENCE, D.H. *Psicanálise e o inconsciente*. Florianópolis: Cultura e barbárie, 2020 [Edição Kindle].
- MELO NETO, João Cabral de. *E educação pela pedra e outros poemas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- PAES, José Paulo. *Poemas para brincar*. São Paulo: Ática, 1997.
- _____. *Um por todos: poesia reunida*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- PROUST, Marcel. *O Tempo Redescoberto*. 15ª edição. São Paulo: Globo Livros, 1995.
- QUINTANA, Mario. *80 anos de poesia*. São Paulo: Globo, 1995.
- RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Editora 34, 2005.
- ROSA, João Guimarães. *Tutaméia: terceiras estórias*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.
- ROUDINESCO, Élisabeth. *O inconsciente explicado ao meu neto*. São Paulo: Editora da Unesp, 2019.
- SARTRE, Jean-Paul. *As palavras*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.
- SOLER, Colette. *O corpo falante*. Rio de Janeiro: Caderno de Stylus, Internacional dos fóruns do campo lacaniano, vol. 1, 2016. On-line. Acesso em 27/7/2020.
- SONTAG, Susan. *Diários II: 1964-1980*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.